

Têrça-feira, 23 de Dezembro de 1958

RUBEM BRAGA

A Revolta de João Cândido

TEM muitos defeitos esse livro de Edmar Morel, a começar pelo título, «A revolta da chibata», mas é desde logo um livro indispensável para o conhecimento de um dos momentos mais dramáticos de nossa história republicana. Grande repórter que é, Morel incursionou pelo começo do século e de lá nos trouxe documentos inéditos, informações vivas, palpantes sobre a famosa revolta da esquadra comandada pelo marinheiro João Cândido, o «Almirante Negro».

Esse assunto foi durante muito tempo verdadeiro tabu para a nossa Marinha de Guerra. Houve épocas — o Estado Novo, por exemplo — em que era praticamente impossível escrever sobre ele. Lembrar o caso era, em si mesmo, um insulto à Marinha.

É claro que um tal ponto de vista não poderia prevalecer. João Cândido existiu (ainda existe, coitado, octogenário e pobre, em um subúrbio distante) e seu nome jamais sairá da História do Brasil. O movimento que ele dirigiu tinha fins limitados e imediatos: acabar com o regime então vigorante em nossa Marinha de Guerra, de alimentação escassa, serviço exagerado e principalmente castigos corporais. E o movimento venceu; a chibata foi abolida para sempre, e a dignidade humana do marinheiro passou a ser respeitada.

Seria melhor que essa reforma indispensável fôsse dada à clarividência de algum ministro liberal; que a capital da República não ficasse à mercê de um simples marinheiro que empolgou toda a força da esquadra e obrigou o Congresso a votar anistia antes de depor as armas; que oficiais fôssem mortos quando destemidamente, no cumprimento de seu dever, enfrentavam os amotinados; que a honra do governo fôsse manchada da maneira mais torpe pelo assassinio de tantos anistiados; que não tivesse havido nunca esse monstruoso sacrifício de vidas em um calabouço da ilha das Cobras, talvez a página mais sinistra da História do Brasil, nem essa viagem macabra do «Satélite», cujo diário de bordo Morel publica pela primeira vez.

Mas tudo isso houve, para nossa vergonha e para nosso exemplo. E no meio de toda essa história há motivos de consternação e também motivos de orgulho tanto para a Marinha como para nós todos.

O livro de Edmar Morel vem jogar novas luzes sobre esses extraordinários episódios. Estou em que não apenas o grande público, mas também as novas gerações de nossa Marinha de Guerra, serão gratos ao repórter pelo serviço que ele prestou à verdade histórica.